

Conclusão

O encaminhamento dessa conclusão será ditado pelo fato de que, no tocante ao tema dessa tese, houve uma continuidade do tema de nossa dissertação de mestrado e uma simplificação de nossa hipótese. Mas não só isso: dada a surpreendente mas infundável expansão de idéias que governa a ciência em Humboldt, aqui ainda ocorrerá, por efeito, um movimento que foi, todo ele, de penetração do discurso científico, em várias formas representacionais de conhecimento e experiência, outra aventura possível. Ela estará insinuada na citação que finaliza nossa conclusão.

No mestrado, a reflexão comparatística entre a concepção de ciência de Euclides da Cunha e a de Alexander von Humboldt ofereceu eixo decisivo para diferenciação que os impasses e os ideais de fusão de arte e ciência criaram entre aqueles autores. Há na ciência humboldtiana uma dominância de ocorrências em que o especulativo predomina sobre o sensível-empírico, ou seja, o conhecimento antropológico da Natureza — que supõe a “comunhão com uma inteligência superior que se dá no progresso geral da formação humana” — é prioritário. Já em Euclides, o predomínio é do máximo controle e operacionalização sobre a realidade, embora haja uma “‘especulação’ particularizada” efetuada nas “ilhas descontínuas da subcena”, n’ *Os Sertões*¹.

Sabendo, de antemão, da indistinção, apontada já na primeira recepção de *Os Sertões*, sobre o tipo de registro literário ou histórico-científico para os padrões do sistema intelectual brasileiro do início do século XX, tal obra oferecia um campo aberto pelo recuo que a dupla inscrição acabava conferindo à sua função de expressar o “consórcio da arte e da ciência”². É evidente, ao menos nas duas

¹ COSTA LIMA, L., 1997, p: 192- 210.

² Refiro-me predominantemente às críticas reunidas sob o título *Juízos Críticos* em que se manifestam, por diversas autores, a preocupação em relação ao caráter discursivo caracterizador da obra em questão. José Veríssimo recusa a crítica relativa ao “emprego de termos técnicos”: “(...) atendendo principalmente às observações relativas à maneira de escrever, colhi proveitosos ensinamentos. Num ponto apenas vacilo – o que se refere ao emprego de termos técnicos. Aí, a meu ver, a crítica não foi justa. Sagrados pela ciência e sendo de algum modo, permita-me a expressão, os aristocratas da linguagem, nada justifica o sistemático desprezo que lhes votam os homens de letras – sobretudo se considerarmos que o consórcio da ciência e da arte, sob qualquer de seus aspectos, é hoje a tendência mais elevada do pensamento humano... Segundo se colhe de suas deduções rigorosíssimas, o escritor do futuro será forçosamente um polígrafo; e qualquer trabalho literário se distinguirá dos estritamente científicos, apenas, por uma

primeiras partes d’*Os Sertões*, uma aposta americana inspirada no registro dos viajantes, particularmente Spix e Martius, admiradores de Humboldt. Daí, nossa aproximação de autores de universos culturais tão díspares. A ciência em Euclides, embora com seus modelos importados dos naturalistas, nunca salientou nenhuma transcendência, sucedânea do exercício especulativo de fortes conotações éticas. Ao invés, priorizou a imensa frequência dos conteúdos empíricos, demonstrando, de saída, a falta total de um solo especulativo. Nesse sentido, afirma-se, o propósito euclidiano — consciente e inflexível — de neutralidade descritiva é canalizado para a tradução mais fiel da dramaticidade que a ciência capta nos sertões.

Mas já é tempo de expressar nossas conclusões sobre a encantada totalização do pensamento romântico de Humboldt sobre a Natureza. Considerando nossa hipótese da *Darstellung* estética da ciência, podemos falar em uma totalização de base antropológica, ou seja: a ciência humboldtiana nunca admite o mundo externo como campo passível para operacionalizações técnicas ou puramente teóricas. Ao contrário, tem em alta conta ações, projetos e sentimentos humanos despertados no espírito pela plenitude insuperável da Natureza. O cosmo é ambiente familiar e familiarizado com o espírito; onde se está bem porque ele é uma forma de atividade, estável e harmônica, propícia à efusão humana.

O equilíbrio suscitado pela propagação de mediações cruciais que vinham para dissolver o hiato entre mundo externo e mundo interno, pôde, entretanto, criar um centro de fusão estável — a Natureza encantada, a totalidade velada. Esse centro aqui enfeixado sob a indicação de sua forte carga simbólica, teve capital importância nessa ciência desprovida de caráter epistemológico. A transcendência antropológica triunfou sobre qualquer pensamento teórico, mesmo porque o próprio exercício do olhar requeria, no entanto, uma atividade criadora e

síntese mais delicada, excluída apenas a aridez característica das análises e das experiências (...) Eu estou convencido que a verdadeira impressão artística exige, fundamentalmente, a noção científica do caso que a desperta – e que, nesse caso, a comedida intervenção de uma tecnografia própria se impõe obrigatoriamente – e é justo desde que se não exagere ao ponto de dar um aspecto de compêndio ao livro que se escreve, mesmo porque em tal caso a feição sintética desapareceria e com ela a obra de arte”. In VERÍSSIMO, J., 1904,. Curiosamente, a passagem sublinhada, transcreve a carta que Euclides dirigira a Veríssimo, a propósito de sua apreciação d’*Os Sertões*, ver GALVÃO, W. N., 1997, p: 143.

mágica que se obtém mediante a elevação e a introjeção, em terreno ilimitado, do indispensável recurso do *Standpunkt*.

Duas referências ajudaram-nos a acompanhar as várias etapas dessa atividade criadora e mágica, contudo, tanto do espírito quanto da Natureza. Sabe-se que Humboldt foi posto entre Goethe e Schelling. Na aproximação com Goethe, esteve presente o projeto de totalidade da experiência de prazer e conhecimento, transfigurado no movimento de saída e retorno a si. Ao cultivo de Schelling, integrado de dois modos distintos (cf. caps 2 e 3), sucede (a) a base para uma noção de ciência cuja finalidade e representação apóia-se na capacidade produtiva e especular da linguagem simbólica, que tende a dar realidade às idéias introjetadas no mais íntimo do espírito e da Natureza e (b) a posse plena de um espírito sistemático em Humboldt que viria criar um sistema do agir apoiado numa ética do olhar — compensando assim tudo quanto exigia a finalidade moral por trás da ciência humboldtiana. Postos nos dois pratos da balança, Goethe e Schelling, as influências e os distanciamentos que porventura terão ficado do esforço de criar uma linhagem na qual Humboldt se filiaria, avulta sobretudo a figura de Schelling. E então, uma parcela da maior importância representará o que ele significa particularmente para a unidade do idealismo mágico de Humboldt. Ou seja, a função desse idealismo que abarca todos os termos de totalização da visão, de fusão, de infinitização de espírito e Natureza supera mesmo a influência de Goethe. O resultado que se extrai da aplicação da noção de identidade absoluta do subjetivo e objetivo por Schelling torna-se então altamente fecundo. Assim, no sistema moral adotado por Humboldt, o principal progresso que aos poucos introduzimos foi o de tomar a ciência como efeito sobre o homem, representado na forma do leitor.

Roberto González Echevarría nos leva a aventar a possibilidade doutra exploração, a ser empreendida a partir das obras dos naturalistas, com suas narrativas descritivas:

Essa nova grande narrativa não deriva seu poder de convicção de uma observação direta e da imitação da natureza latino americana, mas da mediação de trabalhos de numerosos viajantes cientistas que devem, corretamente, ser considerados os segundos descobridores do Novo Mundo (grifo nosso). Se os primeiros descobridores e pioneiros apropriaram-se da América Latina por meios do discurso legal (*legal discourse*), esses

novos conquistadores o fizeram ajudados pelo discurso científico, o qual os permitiu nomear novamente (como se pela primeira vez) a flora e a fauna do Novo Mundo³.

³ ECHEVARRÍA, R. G., 1998, p: 96.